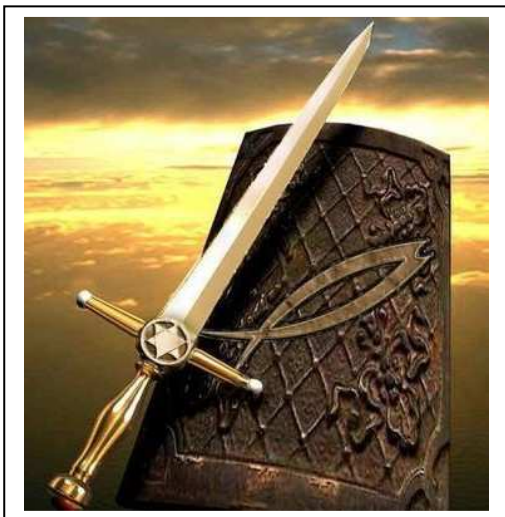


## É ERRADO CRITICARMOS AS AÇÕES EQUIVOCADAS DE ALGUMAS IGREJAS E SEUS RESPECTIVOS LÍDERES?

---



"Pois não podemos resistir à verdade, mas devemos sempre defendê-la." (2Coríntios 13.8 – NVT)

### 1. INTRODUÇÃO

De tempos em tempos eu me deparo com cristãos evangélicos que acreditam firmemente (alguns até “agressivamente”) que, criticar a atitude errônea de um “irmão na fé” (principalmente se esse “irmão” for líder religioso em alguma comunidade eclesial) é, além de atitude anticristã, também falta de ética. Para essas pessoas, o importante é que os possíveis alvos de crítica estão, no entendimento delas, “fazendo a obra de Deus” – independente do desregramento que cometem. Gente assim fica escandalizada – e se irrita facilmente – quando alguém resolve questionar a legitimidade dos métodos pelos quais esses, midiáticos “operários da fé”, se utilizam para alcançar seus objetivos. Esquecem que o verbo “julgar” significa “formar um conceito sobre algo ou alguém”.

Avaliando de acordo com o próprio termômetro de prazer – onde tudo aquilo que faz a uma pessoa se sentir bem é válido – muitos desses cristãos evangélicos, contrários às críticas, agem como legítimos discípulos de Nicolau Maquiavel e defendem a ideia de que “os fins justificam os meios”<sup>1</sup> – mesmo que esses meios sejam escusos e contrários à Palavra de Deus. O próprio termo “crítica” é citado por eles sempre de forma pejorativa. Em suas falas há constante desprezo pelo sentido semântico do vocábulo que, de acordo com o Dicionário Houaiss, é simplesmente o “*exame de um princípio ou ideia, fato ou percepção, para produzir uma apreciação lógica, epistemológica<sup>2</sup>, estética ou moral sobre o objeto da investigação*”. Gente assim, não entende que o amplo conceito de “crítica” difere do simples “criticismo” – atitude que nega a verdade de todo conhecimento que não tenha sido, previamente, submetido a uma crítica de seus fundamentos. Mas o que me impressiona é saber que esses mesmos cristãos, contrários às críticas no meio evangélico, por outro lado aceitam com naturalidade e consideram legítimas as atuações dos críticos literários, dos críticos de arte, críticos de moda, de cinema, de gastronomia etc.

---

<sup>1</sup> “Os fins justificam os meios” é uma frase que representa o maquiavelismo e quer significar que os governantes e outros poderes devem estar acima da ética e moral dominante para alcançar seus objetivos ou realizar seus planos. (Wikipédia)

<sup>2</sup> **Epistemologia.** Estudo dos postulados, conclusões e métodos dos diferentes ramos do saber científico.

Ignorando por completo o contexto exegético<sup>3</sup> de diversas passagens bíblicas (como Mateus 7.1 e Lucas 9.50), os amantes do pragmatismo<sup>4</sup> evangélico asseguram que ao cristão é vedado julgar outros cristãos uma vez que, quem não é contra ele é a favor dele. Mas será esse o real significado das Palavras de Jesus nos Evangelhos? Porventura o papel do cristão apologista<sup>5</sup> é simplesmente discordar “em silêncio” daquilo que lhe é inconveniente, sem que possua o direito de manifestar publicamente sua opinião, ainda mais quando ela é respaldada por princípios bíblicos? Com certeza, não. Se explorarmos corretamente o contexto de diversas passagens bíblicas que tratam do assunto, veremos que o ato de desaprovar publicamente as ações e os comportamentos equivocados cometidos por algumas igrejas e seus respectivos líderes, além de permitido, é mandamento divino a ser cumprido. O teólogo germânico, Martinho Lutero (1843 – 1546), dizia que “qualquer ensinamento que não se enquadre com as Sagradas Escrituras deve ser rejeitado, mesmo que faça chover milagres todos os dias”. Afinal, “não podemos resistir à verdade, mas devemos sempre defendê-la” (cf. 2Co 13.8).

O renomado líder puritano inglês e escritor Richard Baxter (1615–1691), em seu livro *O Pastor Aprovado*, afirmou: “São muitos os que se envolvem na sagrada obra do ministério obstinadamente, caracterizados pelo interesse próprio, pela negligência, pelo orgulho, pelo divisionismo e outros pecados. Temos que admoestá-los. Se pudéssemos ver que eles se reformariam sem a necessidade de repreensão, alegremente deixaríamos de publicar os seus defeitos. Todavia, o que mais podemos fazer? Desistir dos nossos irmãos e colegas é um mal sem remédio; é um erro. E tolerar os maus hábitos dos ministros é promover a ruína da Igreja”<sup>6</sup>.

## 2. O SIGNIFICADO E A IMPORTÂNCIA DA APOLOGÉTICA

De acordo com o teólogo e filósofo analítico estadunidense William Lane Craig, a “apologética é o ramo da teologia cristã que busca promover fundamentos racionais para as afirmações do cristianismo. Ela contém elementos ofensivos e defensivos, apresenta, de um lado, argumentos positivos para as verdades cristãs e, de outro, refuta as objeções suscitadas contra essas mesmas verdades”<sup>7</sup>.

<sup>3</sup> **Exegese.** Do grego, ἐξαγειν (*exagein*), o termo significa, literalmente, “guiar (arrancar) para fora” do texto os pensamentos que o escritor tinha quando escreveu um determinado documento.

<sup>4</sup> **Pragmatismo.** Corrente de ideias que prega que a validade de uma doutrina é determinada pelo seu bom êxito prático. Uma pessoa pragmatista vive pela lógica de que as ideias e atos de qualquer pessoa são válidos se servem à solução imediata de seus problemas. (Dicionário Houaiss)

<sup>5</sup> **Apologista.** Pessoa que propõe a demonstrar a verdade da própria doutrina, defendendo-a de teses contrárias, através do discurso ou texto, onde defende, justifica ou elogia uma doutrina, ação, obra, conceito, ideia etc. (Dicionário Houaiss)

<sup>6</sup> BAXTER, Richard. *O pastor aprovado: modelo de ministério e crescimento pessoal*. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: PES, 2016. 20 p.

<sup>7</sup> BECKWITH, Francis J.; CRAIG, William Lane & MORELAND, J. P.. *Ensaio apologético: um estudo para uma cosmologia cristã*. Trad. José Fernando Cristófolo. São Paulo: Hagnos, 2006. 21 p.

O termo “apologética” deriva da palavra grega ἀπολογία (*apología*) – termo legal relativo à defesa de alguém no tribunal, bem como a demonstração de que uma crença ou argumento é correto. (cf. 1Coríntios 9.3; Filipenses 1.16; 2Timóteo 4.16 etc.). O apologista cristão Norman L. Geisler, descreve o propósito principal da apologética: “*simplesmente defender a fé e, portanto, destruir ‘raciocínios e toda arrogância que se ergue contra o conhecimento de Deus’ (cf. 2Coríntios 10.5)*”<sup>8</sup>.

Para o apóstolo Pedro, a apologética consiste em defender a fé com delicadeza e respeito. Seu objetivo não é antagonizar ou humilhar os que se encontram fora da igreja, e sim ajudar a abrir seus olhos para a realidade, a confiabilidade e a relevância da fé cristã e sua superioridade em relação às demais religiões e cosmovisões (cf. 1Pedro 3.15-16a).

É obvio que, quando exercemos o papel de apologistas, devemos cuidar para não cair no erro de trucidar líderes ou denominações. Todo líder eclesiástico tem fraquezas e falhas. Não há necessidade de escrutinar a gramática ou hábitos nervosos. Nem mesmo manter registro de pronúncias erradas ou frases que se repetem. Compete ao apologista responder de forma amável a qualquer questionamento (cf. Colossenses 4.6). Porém, isso não significa ignorar os erros e equívocos desses mesmos líderes.

### 3. QUESTÃO DE LÓGICA

A bacharel em teologia e missionária Jonara Gonçalves destaca, em um de seus artigos, que toda vez que um apologista encontra uma atitude em desacordo com a Bíblia e protesta, logo ele é criticado por julgar ou é julgado por criticar. Segundo ela “*é uma questão de lógica: quem julga quem critica, logo, é um juiz. E quem critica o que julga, logo, é um crítico*”. Para Jonara, os apologistas são taxados pelos opositores como membros do “ministério da crítica”, que deveriam cuidar de suas vidas deixar de julgar os “movimentos espirituais” e os “ungidos” de Deus pois, segundo eles, Deus age como quer – mesmo que para isso Ele tenha que conflitar com a Sua própria Palavra<sup>9</sup>. Mas será que essa afirmação é mesmo uma verdade irrefutável? Vejamos:

**[8-9]** *Pois aquele que agiu por meio de Pedro para o apostolado da circuncisão também agiu por meu intermédio para o apostolado aos gentios. E quando reconheceram a graça que me havia sido dada, Tiago, Cefas e João, considerados colunas, estenderam a mão direita da comunhão a mim e a Barnabé, ... [11-14] Quando, porém, Cefas chegou a Antioquia, eu o enfrentei abertamente, pois merecia ser repreendido. Porque antes de chegarem alguns da parte de Tiago, ele estava comendo com os gentios; mas, quando eles chegaram, Cefas foi se retirando e se separando deles, por temer os que eram da circuncisão. E os outros judeus também fizeram como ele, a ponto de até Barnabé se deixar levar pela hipocrisia deles. Mas, quando vi que não agiam corretamente, conforme a verdade*

<sup>8</sup> BECKWITH, Francis J.; CRAIG, William Lane & MORELAND, J. P.. *Ensaios apologéticos: um estudo para uma cosmovisão cristã*. Trad. José Fernando Cristófal. São Paulo: Hagnos, 2006. 9, 13 p.

<sup>9</sup> REDE BRASIL ATUAL. Julgando os críticos ou criticando os juízes?. Disponível em: <<http://www.pulpitocristao.com/2013/02/julgando-os-criticos-ou-criticando-juizes/>>. Acesso em: 23/06/2013.

***do evangelho, disse a Cefas na frente de todos:*** *Se tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como os judeus, por que obrigas os gentios a viver como judeus?*" (Gálatas 2.8-9b, 11-14)

#### 4. A APOLOGÉTICA E A BÍBLIA

Em sua carta aos gálatas, o apóstolo Paulo faz menção de uma crítica pública que ele fez em relação a outro apóstolo: Pedro<sup>10</sup>, o então líder da Igreja em Jerusalém. Podemos perceber claramente na passagem bíblica, que havia comunhão entre Paulo e Pedro (v. 9). Isso, porém, não impediu que o apóstolo Paulo “enfrentasse abertamente” (v. 11) e “na frente de todos” (v. 14) o também apóstolo Pedro, quando este “mereceu ser repreendido” (v. 11) por deixar de “agir corretamente, **conforme a verdade do Evangelho**” (v. 14).

Contrariando aqueles que atualmente vociferam que “um cristão não pode criticar outro cristão” pois, ao citar nomes e tornar pública a conduta dúbia dos falsos mestres, ficamos em dívida com a ética e matamos nossos próprios soldados, é crucial atentarmos para o fato de que o apóstolo Paulo resistiu a Pedro abertamente, na frente de todos, e ainda registrou sua crítica ao apóstolo em uma carta, que deveria ser lida perante toda a Igreja na Galácia. Apesar disso, Pedro, demonstrando uma sólida maturidade cristã, tempos depois se referiu ao companheiro de ministério como “*nosso amado irmão Paulo*” (cf. 2Pedro 3.15).

Em outro momento o apóstolo Paulo criticou Demas, seu cooperador ao lado de Marcos, Aristarco e Lucas (cf. Filemon 1.24). Em sua segunda carta a Timóteo, Paulo acusa Demas de abandoná-lo, **por amar mais este mundo:**

*“Procura visitar-me em breve, pois Demas, por amar este mundo, abandonou-me.”* (2Timóteo 4.9-10a)

O apóstolo também aproveita a sua carta a Timóteo para reprovar a conduta de Alexandre, que **o havia prejudicado bastante e resistido às suas palavras:**

*“Alexandre, que trabalha com bronze, prejudicou-me bastante; o Senhor lhe retribuirá segundo as suas ações. Tenhas muito cuidado com ele, pois resistiu muito às nossas palavras.”* (2Timóteo 4.14-15)

E quando escreve a Tito, Paulo o exorta a se manter firme na palavra fiel, para que ele fosse capaz de convencer seus opositores, dos quais muitos precisavam ser silenciados:

*“Se mantenha firme na palavra fiel, conforme a doutrina, para que seja capaz tanto de exortar na sã doutrina quanto de convencer os seus opositores. Porque há muitos insubordinados, meros*

---

<sup>10</sup> **Pedro.** *Simão* era o nome original do apóstolo Pedro. Foi Jesus quem o apelidou de *Cefas*, do hebraico כֶּפֶס (Kepha), cuja forma grega é Πέτρος (Pétros). Ambas as formas significam “pedaço de pedra, pedra lascada ou pedregulho”. Em linguagem contemporânea, podemos dizer que o Senhor Jesus apelidou *Simão* de “*Pedrinha*”.

*faladores e enganadores, principalmente os da circuncisão. É preciso fazê-los calar, pois, motivados pela ganância, transtornam casas inteiras, ensinando o que não convém.*” (Tito 1.9-11)

Uma das características que distingue a Bíblia dos outros livros religiosos é o fato dela não encobrir a transgressão dos seus personagens, algo que deve parecer politicamente incorreto aos olhos dos cristãos evangélicos contrários às críticas.

## 5. ATITUDE VERSUS CARÁTER

Precisamos entender que, **criticar a atitude de alguém (o que ele faz), é diferente de criticar o seu caráter (o que ele é)**. Quando o Senhor Jesus ensina que não devemos julgar, para que no futuro não sejamos julgados na mesma proporção dos nossos julgamentos (cf. Mateus 7.1-2), em nenhum momento Ele teve a intenção de afirmar que fazemos um favor a nós mesmos não fazendo nenhum julgamento, visto que tais julgamentos voltarão contra nossa própria vida.

Levar todas as palavras de Jesus ao “pé da letra” e ter uma atitude tolerante, que nunca expresse opiniões sobre o que os outros creem e fazem, é não seguir os ensinamentos de Cristo. **A tolerância não é maior que a verdade, nem o amor não é mais importante que a doutrina correta.** O que Senhor Jesus quis comunicar através dos Seus ensinamentos é que *“não devemos julgar pela aparência, mas devemos julgar de maneira justa”* (cf. João 7.24). Isso implica na necessidade de aprendermos a distinguir o limpo e o sujo, entre o santo e o profano, avaliando o que é sábio e o que é tolo.

Um dado histórico importante a ser lembrado é que os judeus não faziam sua leitura da Torá como exercício intelectual, mas como adoração devocional. Por isso que para Jesus, Paulo e os demais apóstolos, qualquer atividade de raciocínio, mental ou filosófica, que não fosse baseada na Palavra de Deus era considerada carnalidade, e sua conclusão como “julgamento carnal”. O julgamento condenado por Jesus nas Escrituras é toda a conclusão ou veredicto, a respeito de qualquer assunto ou pessoa, que não tenha como base a Palavra de Deus. Portanto, julgar ou formar opinião sobre qualquer outra base, senão a Bíblia, é “julgar segundo a carne”, e isso é errado (cf. Lucas 12.57; João 8.15).

Julgar com justiça é ser dirigido pela Palavra. Não devemos tecer julgamentos a partir de nossa análise intelectual ou impressões aparentes. Mas devemos sim, aceitar, repetir, proclamar, declarar todo julgamento que Deus já fez nas Sagradas Escrituras. Parafraseando o professor de pregação Haddon W. Robinson, posso afirmar que, **quando alguém discorda das denúncias que um apologista faz**, em relação àqueles que, consciente ou inconscientemente, deturpam e corrompem a verdade do Evangelho, **a divergência dessa pessoa é com as Escrituras, e não com o apologista**<sup>11</sup>.

Condenar aqueles que denunciam abertamente os descabros cometidos por falsos mestres e líderes é uma atitude incompatível com o Evangelho do Senhor Jesus Cristo. Se Deus fez com que acusações contra os corruptores da fé, fossem impressas e preservadas nas páginas das Sagradas

<sup>11</sup> KOESSLER, John. *Manual de pregação*. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2010. 67 p.

Escrituras, por que razão estaríamos pecando ao fazer denúncias semelhantes? Erramos ao desejar que apenas uma pregação pura, sem sujeira, sem corrupção seja anunciada em nosso país?

Para o pastor e missionário batista, David Paul Washer, “*o legítimo pregador do Evangelho não é agente social e nem executivo de marketing; ele é apenas mensageiro da fé, do que já foi dito por Deus e ele precisa dizê-lo apenas da forma como Deus disse, as pessoas gostando ou não*”. Outro pastor foi mais além: “*Nunca suavize o Evangelho. Se a verdade ofende, então deixe ofender. As pessoas gastam muito tempo ofendendo a Deus; então deixe que elas se ofendam por um momento*”.

No episódio em que o Senhor Jesus repreendeu João e os demais discípulos por eles proibirem um homem – que não fazia parte do grupo dos doze apóstolos – de expulsar demônios em Seu nome, a repreensão se deu por causa da proibição – por parte deles – de um ato lícito, que visava exclusivamente o bem-estar do próximo e cuja ênfase estava tão somente no nome de Jesus: “*João lhe disse: Mestre, vimos um homem que expulsava demônios em teu nome, e nós o proibimos, pois ele não nos acompanha. E Jesus lhe respondeu: Não o proibais; pois quem não é contra vós é por vós.*” (Lucas 9.49-50 – Almeida Século 21)

Podemos observar na passagem bíblica acima que não houve, por parte do “exorcista”, nenhum desejo de lucrar às custas do endemoninhado, e muito menos a tentativa de promover uma descentralização da pessoa do Senhor Jesus por meio da utilização de objetos inanimados ou através de ideologias e filosofias conflitantes com a verdade do Evangelho. O que vemos hoje em muitas igrejas evangélicas – principalmente igrejas neopentecostais – é a prática de ações bem diferentes. Pregando um sincretismo absorto, diversas “igrejas” incorporam em sua liturgia cônica e organicista, práticas totalmente estranhas aos princípios do Evangelho do Senhor Jesus. Vivemos em uma época onde homens se autoproclamam apóstolos, o misticismo invade todo o evangelicalismo, as igrejas absorvem todo tipo de superstição e o dinheiro se tornou o deus e a busca das pessoas nas igrejas.

O liberalismo teológico ainda se movimenta no meio cristão, buscando sempre relativizar as Escrituras e mesclar a doutrina bíblica com filosofias humanas. A expressão “não julgueis” se tornou clichê para censurar a verdade e qualquer comunidade cristã que seguir esse clichê, será tentada a recuar de questões morais e doutrinárias, até chegar ao ponto onde não poderão distinguir o certo do errado. Primeiro no comportamento e crença dos outros, e, finalmente, em suas próprias vidas. De forma que já não é mais de se estranhar que uma pesquisa realizada pelo instituto de pesquisa *LifeWay Research* detectou que 26% dos entrevistados acreditam que se uma pessoa buscar a Deus com sinceridade, mesmo que através de outras religiões, ela pode obter a salvação<sup>12</sup>. Em outras palavras, um em cada quatro cristãos protestantes acredita que é possível alcançar salvação fora do cristianismo.

---

<sup>12</sup> THIAGO CHAGAS. Um em cada quatro cristãos protestantes acredita que é possível alcançar salvação fora do cristianismo, diz pesquisa. Disponível em: <<http://noticias.gospelmais.com.br/cristaos-protestantes-possivel-salvacao-fora-cristianismo-52769.html>>. Acesso em: 28/09/2013.

Paul Joseph Goebbels (1897-1945), ministro da propaganda de Adolf Hitler, afirmou certa vez: “A propaganda deve afetar a ação e crenças do inimigo, de maneira a confundi-los e paralisá-los”. Essa tem sido a tônica da realidade dos nossos dias onde líderes eclesiais transformam igrejas em lojas, fé em comércio, religião em negócio, “Jesus” (o que Ele é) em “Gezuz” (o que querem que Ele seja). Outros vivem na opulência gerada pela exploração da miséria e da desgraça alheias. Propagam mensagens de saúde eterna e ausência de lutas e adversidades, corrompendo a fé dos mais incautos e reduzindo o Evangelho de Cristo à uma panaceia. Essa é a razão pela qual, o já citado pastor e missionário batista, David Paul Washer, ensina que “*terrível coisa para uma pessoa é ouvir uma mentira religiosa, dada por uma autoridade religiosa. Então quando alguém vem mais tarde e tenta pregar o verdadeiro Evangelho para esta pessoa, ela não vai querer escutar, uma vez que uma mentira tem muito poder*”. As heresias são mais devastadoras do que a perseguição. Nenhuma igreja foi destruída por causa da perseguição, mas muitas deixaram de existir por causa das heresias.

Como cristãos zelosos pela sã doutrina, não podemos permitir que “*a nossa mente seja de alguma forma seduzida e se afaste da simplicidade e da pureza que há em Cristo*” (cf. 2Coríntios 11.3). De forma que não somos do G12, nem da visão apostólica e nem da visão celular. Também não somos da unção patriarcal, do riso ou dos quatro seres viventes. Nem da unção do “cai, cai”, das fronhas, das lágrimas, da virgindade, do lubrificante íntimo KY, da unção com óleo da potência, do pó de ouro ou da metralhadora. Muito menos da unção de Arão com 12 litros de óleo, da unção do machado, dos órgãos genitais e da transferência de demônios através do orgasmo. Nem da unção “do achar”, do chicote, da galinácea, do cachorro e do novilho. Não somos da nação dos 318 pastores ou dos 305 (?) valentes de Gideão e a fogueira santa de Israel. Também não somos do “shu profético”, da dança profética, da palavra profética, da adoração profética, do shofar profético, da trombeta profética da prosperidade, do louvor profético, do ato profético, da pulseira profética ou da rosa do pai das luzes. Não somos adeptos do pacto da chave vitoriosa, nem da bênção das 7 notas de Real, nem do vinho para arrumar casamento, nem da campanha do celular da boa notícia, nem da campanha da mesa santa, do trono branco e do óleo de fogo consagrados, do batismo em toboágua. Nem da campanha do sabonete ungido, da meia ungida, da fita e da rosa ungida, do óleo ungido, da vassoura ungida, do cajado ungido, da peça de roupa ungida, da colher de pedreiro ungida, da caneta ungida para concursos, da fronha dos sonhos, da toalha com sudorese, da botija da multiplicação, do manto apostólico de Pedro, do tapete de fogo, do carnê da coluna sagrada, da gruta dos milagres, da garrafada do poder, da rede da prosperidade, do despacho gospel, da água apostólica, do perfume da graça, das balas ungidas e consagradas, do cimento da casa própria, da medalha do vencedor, do óleo das boas novas, do corredor do manto sagrado, do pente para tirar maus pensamentos, do martelão da justiça, do tijolo da obra de Deus e nem do sacudimento do pó consagrado. Como também, não fazemos parte dos “servos da orelha furada”, nem da quebra de maldição, da campanha das sete sextas-feiras, dos sete mergulhos de Naamã, dos sete qualquer outra coisa. Não fazemos “oração forte” e também não

participamos das sessões de descarrego no porco, do desencapetamento total, da noite da “força interior” e nem do clamor no “interior do peixe”.<sup>13</sup>

O pastor, escritor e conferencista evangélico John Fullerton MacArthur Jr. afirma que “os evangélicos de hoje são confrontados com uma multiplicidade de novas perspectivas, novas tendências e modismos evangélicos, todos reivindicando ser mais bíblicos ou mais eficazes do que as ideias que procuram derrubar. Com essa grande gama de ideias concorrentes, todas clamando por aceitação, como pode a pessoa comum no banco da igreja saber o que é verdadeiramente saudável, seguro e bíblico? É evidente que muitos que se dizem evangélicos atualmente agem norteados por outros objetivos, e não por uma visão bíblica”<sup>14</sup>.

É dever de todo cristão pensar bíblicamente a respeito de todas as áreas da vida, para que possa agir bíblicamente em relação a todas elas. A nossa conversão a Cristo não muda o nosso conhecimento, mas o entendimento sobre aquilo que já é conhecido. Ela produz uma hermenêutica radicalmente nova, como a experiência radical de Paulo na estrada para Damasco, que transformou totalmente seu modo de entender o Antigo Testamento. Para muitas pessoas, essa nova forma de pensar é sinal de rebeldia, mas para outras, é reflexo da nossa liberdade de consciência em Cristo (cf. 1Coríntios 2.16).

O teólogo Augustus Nicodemus Lopes entende que “faz parte do chamamento bíblico examinar todas as coisas, reter o que é bom e rejeitar o que for falso, errado e injusto”. Para ele, “amor e verdade andam juntos. Querer que a verdade predomine e lutar por isso não pode ser confundido com falta de amor para com os que ensinam o erro. É possível que no calor de uma argumentação, durante um debate, saiam palavras ou frases que poderiam ter sido ditas ou escritas de outra forma. Todavia, não podemos aceitar que seja falta de amor confrontar irmãos que entendemos não estarem andando de acordo com a verdade do Evangelho”<sup>15</sup>. Em outro momento, ele adverte: “Quem nunca julgou contribui para que o erro se propague, para que as pessoas continuem no erro. São pessoas sem convicções. Elas se tornam coniventes e cúmplices das mentiras, heresias e atos imorais e antiéticos dos que estão ao seu redor”<sup>16</sup>. O ministério apologético do Evangelho exige a rejeição de qualquer

<sup>13</sup> Todas as práticas espúrias, citadas acima, são reais e podem facilmente ser comprovadas por meio de vídeos postados em sites como o *Youtube*, como também através de programas televisivos e radiofônicos, mídia impressa, panfletagens e *banners* produzidos pelas próprias instituições religiosas, além de matérias publicadas em blogs e sites apologéticos, cf. <http://www.keryxestudosbiblicos.com.br/imagens.html>.

<sup>14</sup> CHALLIES, Tim. *Discernimento espiritual: a habilidade de pensar bíblicamente sobre a vida*. São Paulo: Vida Nova, 2013. 9 p.

<sup>15</sup> AUGUSTUS NICODEMUS LOPES. É sempre uma falta de amor criticar e julgar?. Disponível em: <http://tempora-mores.blogspot.com.br/2011/06/e-sempre-uma-falta-de-amor-criticar-e.html>. Acesso: 08/07/2013.

<sup>16</sup> \_\_\_\_\_. É Proibido Julgar?. Disponível em: <http://tempora-mores.blogspot.com.br/2011/07/e-proibido-julgar.html>. Acesso: 22/03/2014.



tipo de acréscimo feito à fé verdadeira. Desde Moisés até João Batista, os profetas bíblicos condenaram todos os elementos que eram contrários à Palavra de Deus.

O escritor e evangelista britânico Leonard Ravenhill (1907–1994) costumava dizer que “*se Jesus tivesse pregado a mesma mensagem que os ministros de hoje pregam, ele nunca teria sido crucificado*”. Para ele, “*a pior coisa que pode acontecer a um pregador é ele se tornar cortês*”, isto é, em sentido figurado, alguém delicado nas palavras, gestos, atitudes.

Infelizmente a maioria dos sermões deixou de nascer “dos joelhos” e passou a ser gerada nas bibliotecas em meio ao ufanismo acadêmico e a psicologia pós-moderna. O sentido semântico de humanidade vem sendo substituído pelo do mundanismo. E a militância apologética vem aos poucos dando lugar à tolerância epistemológica<sup>17</sup>.

O cristianismo contemporâneo tem se perdido nas ideologias e no pensamento pós-moderno. A misericórdia de Deus passou a ser vista como tolerância. O amor demonstrado por Ele, agora é visto como aceitação. Infelizmente, muitos evangélicos fazem parte do grupo de protestantes que há muito tempo não protestam mais. De certa forma eles temem aqueles que, de acordo com o filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), “*não querem ouvir a verdade porque não desejam que as suas ilusões sejam destruídas!*”.

Defensores dos novos movimentos de fé – que sobrevivem da manipulação do inconsciente coletivo das pessoas e do comércio do sagrado – costumam se defender das críticas contra suas práticas espúrias dizendo: “*Se essa obra não for de Deus, vai acabar; mas se ela for de Deus, ninguém vai nos parar*”, supostamente respaldados pelo conselho do rabino Gamaliel aos membros do Sinédrio:

*“Então, certo fariseu chamado Gamaliel, doutor da lei, respeitado por todo o povo, levantou-se no Sinédrio e mandou que aqueles homens saíssem por um momento. E prosseguiu: Homens israelitas, tende cuidado com o que estais para fazer a estes homens. Porque, há algum tempo, surgiu Teudas, dizendo ser alguém; a ele se ajuntaram uns quatrocentos homens; mas ele foi morto, e todos os que lhe obedeciam foram dispersos e reduzidos a nada. Depois dele, nos dias do recenseamento, surgiu Judas, o galileu, e desencaminhou muitos que o seguiram. Mas ele também morreu, e todos os que lhe obedeciam foram dispersos. Agora vos digo: **Afastai-vos destes homens e deixai-os livres, pois, se este projeto ou esta obra for dos homens, se desfará. Mas, se é de Deus, não podereis derrotá-los; para que não sejais achados combatendo contra Deus.**” (Atos 5.34-39)*

De posse desse discurso de Gamaliel no sinédrio, muitos questionam: “*Se o líder ‘fulano de tal’ não é de Deus, como a igreja dele cresce tanto?*”. Outros aconselham: “*É melhor deixar esse líder em*

<sup>17</sup> **Epistemologia.** Estudo dos postulados, conclusões e métodos dos diferentes ramos do saber científico, ou das teorias e práticas em geral, avaliadas em sua validade cognitiva, ou descritas em suas trajetórias evolutivas, seus paradigmas estruturais ou suas relações com a sociedade e a história. (Dicionário Houaiss)

paz, pois, caso contrário, corremos o risco de estarmos lutando contra Deus”. Não podemos esquecer da advertência mais famosa: “*Não toquem no ‘ungido’ do Senhor!*”. Estariam eles com a razão? Ainda que no primeiro momento a preleção de Gamaliel tenha certa lógica, uma análise mais abrangente do contexto original do texto, e sua respectiva aplicação na situação e ambiente em que vivemos hoje, nos revelará que o raciocínio de Gamaliel se trata, na realidade, de uma falácia.

De acordo com o pastor batista e professor de teologia sistemática Leonardo Gonçalves da Silva, “*devemos reconhecer que na Bíblia há registros inspirados e mandamentos inspirados. Ela é descritiva e prescritiva. Por exemplo: A Bíblia descreve algumas das mentiras de Satanás, mas ela não ensina a mentira. As mentiras do diabo, portanto, são descrições e não prescrições. Ela também descreve o adultério de Davi, mas não prescreve o adultério. A boa hermenêutica nos exorta a reconhecer que nem tudo o que está na Bíblia é um mandamento para o cristão*”. Para Leonardo, o mesmo acontece com o conselho de Gamaliel: “*A Bíblia o descreve, mas não prescreve sua atitude como correta. Ora, Gamaliel sequer era cristão; muito pelo contrário: Ele era membro da seita que mais se opôs ao cristianismo durante os primeiros anos da sua existência. Além disso, a premissa de Gamaliel não resiste à prova da história: A experiência humana tem se encarregado de provar que o argumento deste rabino judeu não passa de uma grande falácia.*”<sup>18</sup>

Uma matéria publicada na revista *Superinteressante* serve como prova de que o conselho de Gamaliel não passa de um sofisma<sup>19</sup>. De acordo com a jornalista Carolina Vilaverde, em 2012, o islamismo possuía, aproximadamente, **1,6 bilhões de adeptos**. Conforme projeções, em 2032, eles serão mais de um quarto da população mundial. Pode-se afirmar que a razão para o islamismo crescer tanto é porque ele é de Deus? Com certeza, não.

Portanto, se Deus recebe qualquer tipo de adoração, por que Ele aceitou a oferta de Abel e rejeitou a de Caim (cf. Gênesis 4.1-5)? Se cada um adora a Deus do seu jeito, por que Nadabe e Abiú morreram por oferecerem adoração estranha (cf. Levítico 10.1-2)? Se o que vale é fazer a “obra de Deus”, por que Saul foi reprovado quando ofereceu sacrifícios na demora de Samuel em chegar (cf. 1Samuel 13.6-14)? Se o que vale é a intenção do coração, por que Uzá morreu ao tocar a arca (cf. 2Samuel 6.3-7)?

## 6. CONCLUSÃO

Todos nós sabemos que não há nada melhor para matar a sede em um dia de extremo calor do que uma jarra de água bem fresquinha. Mas se a água estiver contaminada – mesmo que

<sup>18</sup> LEONARDO GONÇALVES DA SILVA. O conselho de Gamaliel representa o pensamento cristão? Disponível em: <<http://www.pulpitocristao.com/2009/08/o-conselho-de-gamaliel-representa-o-pensamento-cristao>>. Acesso em 29/06/2013.

<sup>19</sup> **Sofisma.** A argumento ou raciocínio concebido com o objetivo de produzir a ilusão da verdade, que, embora simule um acordo com as regras da lógica, apresenta, na realidade, uma estrutura interna inconsistente, incorreta e deliberadamente enganosa. (Dicionário Houaiss).

aparentemente ela esteja incolor, insípida e inodora – essa mesma água poderá matar, além da sede, a própria pessoa que a está ingerindo. Do mesmo modo, a prática de fé representada por uma doutrina “fresquinha”, surgida em tempos de sequidão espiritual, pode até matar momentaneamente a “sede” espiritual do fiel. Mas se ela estiver contaminada por algum ensino contrário à Palavra de Deus, essa doutrina “matará” também o discernimento espiritual (cf. 1Coríntios 2.14), apagando o Espírito (cf. 1 Tessalonicenses 5.19) e cauterizando a própria consciência (cf. 1 Timóteo 4.2-4). Elementos que são intrinsecamente falsos ou malignos claramente não podem ser assimilados no cristianismo sem cair no sincretismo<sup>20</sup>. Isso é um perigo para todas as igrejas em todas as culturas. Devemos respeitar as culturas, mas não devemos negociar princípios.

A ética cristã é a ciência que trata das origens, dos princípios e das práticas do que é certo ou errado à luz das Sagradas Escrituras, em adição à luz da razão e da natureza. Desde os tempos de Cristo, muitos líderes religiosos creram na verdade do Evangelho, mas não absorveram essa verdade, por não quererem abrir mão da glória dos homens (cf. João 12.42-43). Em vez de permanecerem como homens de Deus, preferiram ser tratados como deus entre os homens. E para manter o status de divindade perante o povo, cometem todo tipo de barbárie teológica, tornando-se antagonistas da ética cristã. Portanto, cabe aos apologistas de cada geração defender a verdade do Evangelho a todo custo, ainda que suas ações de combate sejam vistas com maus olhos por aqueles que são contrários às críticas.

A crítica costuma doer quando a pessoa entende que aquilo que ela fez – ou deixou de fazer – está fora dos padrões ou em desacordo com o ponto de vista do outro. Temos a tendência de resistir ao que nos parece novo, como o fato de termos que desenvolver algum outro comportamento diferente do que já estamos acostumados.

A capacidade de absorver as críticas e aprender algo com elas é uma característica de quem tem um alto grau de maturidade, capacidade analítica e pode utilizar o comentário para seu desenvolvimento pessoal. O problema é que muitas pessoas, simplesmente, não conseguem ouvir o que o outro tem a dizer e já tiram suas conclusões antes de entender o que está por trás do que está sendo dito. A atitude mais comum é rebater em vez de parar e analisar o que escutou. É bom ouvir primeiro, procurar compreender os fatos, para depois questioná-los. Se o conteúdo for mesmo relevante, a aceitação inicia o processo de mudança. Sem a compreensão e aceitação da crítica, não há transformação.

---

<sup>20</sup> **Sincretismo.** É a tentativa de conciliar crenças e práticas religiosas diversas ou conflitantes em um sistema unificado. Hoje, em geral, aceita-se que o termo deva ter uma conotação negativa. O sincretismo pode resultar de uma tentativa de traduzir a fé cristã por meio do uso acrítico de símbolos e práticas religiosas da cultura receptora, resultando em uma fusão de crenças e práticas cristãs e pagãs. O sincretismo relativiza a natureza da verdade, trazendo consigo a suposição de que todas as formas de verdade e práticas específicas são meras expressões da Verdade universal e absoluta.

A igreja evangélica brasileira experimenta o seu mais expressivo crescimento e, ao mesmo tempo, a sua mais profunda crise. Cresce em números, mas decresce em credibilidade. Atrai multidões a seus templos, mas sonega a elas o genuíno evangelho. O liberalismo, o sincretismo e a ortodoxia morta ameaçam a saúde espiritual da igreja. Precisamos voltar para Deus e para a sua Palavra. A cada geração a igreja tem seus próprios desafios e necessidades. Precisamos ter olhos abertos para aprender com a história. Se não aprendermos com ela, repetiremos seus erros.

Ninguém gosta de ter seus defeitos apontados. Por mais que uma crítica seja realista, pontual e útil, muitas vezes, provoca desgosto, decepção e revolta. No entanto, se buscarmos encarar a crítica positivamente ou como um desafio a ser superado, teremos mais chances de evoluir espiritualmente e chegarmos o mais próximo possível da *“unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo; para que não sejamos mais inconstantes como crianças, levados ao redor por todo vento de doutrina, pela mentira dos homens, pela sua astúcia na invenção do erro; pelo contrário, seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo.”* (cf. Efésios 4.13-15).